

geiros na Alemanha, onde existe uma equação entre turco/muçulmano/árabe/ estrangeiro. Através dele, vários quadrantes da sociedade alemã procuram mostrar como os turcos nunca poderão ser cidadãos “verdadeiramente” alemães.

Na conclusão voltamos à discussão central de todo o livro, nomeadamente a produção da diferença, cosmopolitismo e transnacionalismo no momento histórico actual. Nestas reflexões finais, Mandel sugere que se interprete a experiência dos cidadãos turco-alemães à luz daquilo que a autora designa como um cosmopolitismo demótico ou vernacular, através do qual as noções de cidadania são desnacionalizadas.

Ainda que, por vezes, seja algo repetitivo, especialmente nos cinco primeiros capítulos, este livro constitui-se como um excelente contributo para os estudos sobre migrações na Europa contemporânea, mais concretamente devido à dimensão historicista da análise. Assim, conseguimos mapear as percepções dos vários intervenientes e a forma como estas se foram transformando ao longo do tempo, desde os anos 50 até à actualidade. Através deste estudo de caso, é possível explorar algumas das ambiguidades associadas aos fenómenos migratórios, tanto do ponto de vista do imaginário hegemónico do Estado-nação como também da imaginação pós-nacional e do cosmopolitismo.

José Mapril
CRIA/ISCTE-IUL e FCSH-UNL

Paul Collier, Os Milhões da Pobreza: Por Que Motivo os Países mais Carenciados do Mundo Estão a Ficar cada vez mais Pobres?, Alfragide, Casa das Letras, 2010, 261 páginas.

Enquanto o crescimento económico tem reduzido a pobreza no mundo nas últimas três décadas, como foram os casos da China, do Brasil e do México, grande parte do continente africano continua a viver à margem deste desenvolvimento socioeconómico. Hoje, no mundo, aproximadamente, mil milhões de pessoas constituem os países desenvolvidos, 4 mil milhões estão nos países em desenvolvimento e mil milhões de homens e mulheres vivem no chamado *bottom billion*, o grupo de países como o Haiti, o Laos ou o Afeganistão, que parecem ter sido esquecidos pelo desenvolvimento.

Publicada originalmente em língua inglesa no ano de 2007 sob o título *The Bottom Billion*, esta tradução de Paulo Tiago Bento para a obra do professor Paul Collier propõe uma arrojada teoria sobre as causas para a pobreza no

mundo. Segundo Collier, ao passo que nas nações em desenvolvimento as taxas de crescimento foram positivas, em média, desde os anos 70, o continente africano pode ter ficado economicamente estagnado no tempo. Estima-se que as diferenças de crescimento entre os últimos mil milhões (*bottom billion*) e os países em desenvolvimento possam ter sido de cerca de 2% nos anos 70, de 4% nos anos 80 e de cerca de 5% nos anos 90 do século xx (p. 27).

A teoria sobre os fatores que fazem com que parte da população do planeta esteja aquém do desenvolvimento global baseia-se na hipótese de que algumas “armadilhas” prendem estes países à pobreza e impedem o seu desenvolvimento. A obra descreve quatro principais armadilhas como causas da estagnação económica, nomeadamente os conflitos, os recursos naturais, a interioridade no continente aliada aos maus vizinhos e ainda a má governação em pequenos países.

Hoje 73% da população do continente africano está envolvida em algum tipo de conflito armado ou esteve recentemente em guerra civil (p. 105). Esta primeira armadilha é a derradeira para o *status* de pobreza que estas populações enfrentam, uma vez que a propensão para a guerra civil está directamente ligada às taxas mínimas de crescimento e aos baixos níveis iniciais de rendimento destas populações. Ou seja, tanto a guerra torna mais pobres os países dos últimos mil milhões como a pobreza que eles enfrentam causa a guerra (pp. 37-38).

Outra parcela da população africana está presa numa armadilha diferente: 29% das pessoas residem em países onde a política é directamente influenciada por altas receitas provenientes de recursos naturais, como petróleo e diamantes (p. 105). Entre os argumentos que explicam a abundância de recursos naturais como um problema para o crescimento está o que pode ser chamado “doença holandesa”. O termo foi criado para explicar o efeito que o gás natural do mar do Norte causava na economia holandesa de há trinta anos, que, tal como sucede hoje nos países dos últimos mil milhões, aponta para a hipótese de a exportação de recursos naturais aumentar o valor relativo da moeda do país dificultando a exportação de outros produtos e, por vezes, devastando sectores como alguns serviços e a agricultura. Da mesma forma, 30% dos africanos que vivem em condições de interioridade continental e escassez de recursos naturais fazem vizinhança com países que dificultam o seu crescimento como nações e 76% das pessoas deste continente padecem da má governação e de péssimas políticas públicas (p. 105).

Embora a boa governação e as políticas económicas eficazes contribuam directamente para o crescimento económico, alguns países africanos dependem directamente da gestão de expedientes, como a aplicação de rendimentos provenientes de recursos naturais ou da ajuda externa para sobreviver. Especificamente, nestes casos uma má governação acaba com a maioria das chances de crescimento destes países. Exemplos como a corrupção, sucessivos golpes de Estado ou mesmo a impreparação técnica de alguns

governos contribuem significativamente para manter cerca de mil milhões de pessoas à margem do crescimento socioeconómico.

Os Milhões da Pobreza está dividido em cinco partes principais e apresenta um estilo confortável de leitura acessível a qualquer público. Esta desvinculação do habitual aparato académico proposta por Collier possui uma conexão com um dos aspectos que podem ajudar a melhorar a condição de vida destas pessoas: a opinião pública. Tornar este problema largamente conhecido e indicar caminhos que ajudem à sua resolução é um dos principais objectivos do autor, que desta forma acredita que as pessoas poderão exercer pressão para que ONGs, agências reguladoras e outras instituições operem de alguma forma para reverter esta situação.

O livro aponta ainda caminhos para a atracção de capitais externos e mecanismos que contenham a fuga de capitais do continente africano, como forma de elevar as condições produtivas destes países. No entanto, qualquer mudança na situação de pobreza e estagnação que estas nações enfrentam necessita de modificações internas nas respectivas sociedades, da mesma forma que variados instrumentos de intervenção também serão de grande relevância para encorajar estes países a rumar em direcção ao desenvolvimento (p. 30).

Melhorar os parques produtivos, viabilizar corredores logísticos e desenvolver políticas eficazes de exportação, da mesma forma que melhorar a governação e propiciar estabilidade para investimentos internos e externos nestas regiões, pode, entre outros factores, contribuir para a resolução deste problema que atormenta de forma devastadora os países do *bottom billion*, e que, em última análise, possui impacto em todo resto do planeta.

Leonardo Dutra
Universidade de Évora

Vítor Sérgio Ferreira, Marcas Que Demarcam. Tatuagens, Body Piercing e Culturas Juvenis, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2009, 343 páginas.

O livro *Marcas Que Demarcam. Tatuagens, Body Piercing e Culturas Juvenis*, editado em 2009 pela Imprensa de Ciências Sociais, constitui uma contribuição de relevo para o panorama dos estudos juvenis em Portugal. Esta obra, da autoria do sociólogo e investigador do ICS Vítor Sérgio